

## Representações docentes: uma análise através das vozes enunciativas

Teacher representations: an analysis through enunciation

 Marcos Marques Silva

 Williany Miranda da Silva

**Resumo:** O presente artigo busca discutir se há interferências na representação profissional desencadeada por professores da Rede Estadual de Ensino da Paraíba, ao migrar do contexto *online* para o contexto presencial. Tem como objetivo analisar o conceito de representação subjacente a esses professores. Para tanto, analisa as respostas dos referidos profissionais, por meio de um questionário *online*. Como suporte teórico, recorre a Moscovici (1978, 2003), ao asseverar que a representação é constituída pelas relações humanas e, nessa interação, os sujeitos elaboram funções e comportamentos inseridos em um contexto; nas vozes enunciativas, pauta nas considerações de Bronckart (1999), quando o teórico argumenta que as vozes são entidades que declaram a responsabilidade do que foi enunciado, julgando, avaliando e analisando. Os resultados apontam, nos discursos dos professores, ao argumentarem e analisarem suas realidades e experiências, uma ocorrência de vozes com face de autor, personagem e social.

**Palavras-chave:** Ensino remoto. Vozes enunciativas. Representação social.

---

Marcos Marques Silva. Mestrando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Email: marcos.marques@estudante.ufcg.edu.br

Williany Miranda da Silva. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Titular da Unidade Acadêmica de Letras e membro do Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande.

E-mail: williany.miranda@professor.ufcg.edu.br

**Abstract:** This article seeks to discuss whether there are interferences in the professional representation triggered by teachers of the State Education Network of Paraíba, in the migration from the online context to the face-to-face context. This article aims to analyze the concept of representation underlying these teachers. To this end, we analyzed the responses of these professionals through an online questionnaire. As a theoretical support, we turn to Moscovici (1978, 2003), when he asserts that the representation is constituted by human relationships, and, in this interaction, the subjects elaborate functions and behaviors inserted in a context; in the enunciative voices, we based on the considerations of Bronckart (1999), when the theorist argues that the voices are entities that declare the responsibility of what was enunciated, judging, evaluating and analyzing. The results indicate, in the teachers' speeches, when arguing and analyzing their realities and experiences, an occurrence of voices with the face of the author, character and social.

**Keywords:** Remote teaching. Enunciative voices. Social representations.

## Introdução

Em meados de 2020, foi decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um cenário de pandemia mundial, devido ao crescimento dos casos de contágio do novo Coronavírus<sup>1</sup>. A partir disso, o isolamento social é adotado como medida de saúde pública, a fim de conter a disseminação do vírus. Por isso, novas formas de trabalhar foram impostas no contexto de crise pandêmica; e, na área educacional, não foi diferente também, com a implementação do ensino remoto emergencial,

---

1. De acordo com o Ministério da Saúde, a Covid-19 é considerada uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, de alta transmissão. Em meados de 2020, pelo seu contágio global, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o Coronavírus como uma Pandemia. Assim, a quarentena foi uma alternativa possível para diminuir e superar o estágio da doença. Potente e perigoso, o vírus gerou dúvidas, criou medos e propiciou que novas regras sociais fossem seguidas, como o uso de máscara e do álcool em gel.

por exemplo. Com isso, novos modelos, conhecimentos e contextos de aprendizagens surgiram, como apontam Barros, Henriques e Moreira (2020), contribuindo, assim, para uma adoção de novas posturas, especificamente dos professores, em relação a esse cenário.

Diante do novo cenário vivenciado, os órgãos educacionais adotaram como saída para diminuir os danos ocasionados pelo período do isolamento social, o ensino remoto e as aulas *online* concentrados como alternativas ao ensino presencial. Com isso, as plataformas digitais, redes sociais, elaboração de materiais e aulas *online* ganharam espaço nas escolas, buscando viabilizar o trabalho dos professores, no período remoto. Nesse cenário, não somente os docentes, gestores escolares, secretarias de educação foram importantes, mas a família, também, tinha um papel imprescindível, incentivando e acompanhando seus filhos (alunos), no momento de estudo dado, a partir do modelo encontrado para a realidade posta. Santos, Lima e Sousa (2020) asseveram que foi preciso uma “reinvenção” do espaço, tempo e currículos, em vários aspectos, embora essas ações já sejam consideradas frágeis no contexto presencial.

Assim, passamos a ouvir, diariamente, a expressão “ensino remoto”, popularizado na pandemia, argumentam Galvão e Salviani (2021), que foi adotado para se referir à educação a distância (EaD). Vale lembrar que o EaD já tinha um funcionamento estabelecido, como uma modalidade, oferecida pelas instituições de ensinos diversas, existindo em conjunto com a modalidade presencial. Os autores lembram os vários “eufemismos” para se referir ao ensino remoto, por exemplo: Ensino por meio de Tecnologias Digitais de informação e Comunicação (TIDIC), Calendário Complementar, Estudo Remoto Emergencial, entre outros.

A mediação digital, principalmente, na área educacional, através das atividades síncronas e assíncronas, aulas gravadas e *online* pas-

saram a ganhar mais espaço nas salas de aulas, principalmente. Vale lembrar que inúmeros professores já utilizavam os espaços *online*, mas os docentes tiveram que adotar, de maneira rápida e obrigatória, a utilização de novas ferramentas para dar continuidade ao trabalho. Barros, Henriques e Moreira (2020) afirmam que esse cenário foi de transição para os professores, os quais se tornaram *Youtubers*, produzindo vídeos e aprendendo a utilizar diversos sistemas usados para videoconferências, como o *Skype*, *Zoom*, *Google Classroom*.

Apesar de serem atacados diariamente, com discursos desqualificantes, os docentes foram colocados, durante o período pandêmico, a atuarem na “linha de frente”, com a responsabilidade de cuidar do direito e desenvolvimento das atividades, a fim de garantirem a educação de milhões de estudantes, inseridos em escolas públicas e privadas brasileiras. E assim, sentiram-se pressionados a ressignificar e reinventar suas práticas e ações, de modo que as aulas continuassem, muitas vezes, lembram Santos, Lima e Sousa (2020), esquecendo de certas teorias e metodologias que guiassem o seu fazer. É necessário lembrar que os professores são considerados agentes imprescindíveis no ato de transmitir os saberes aos seus alunos, de modo que precisaram construir competências para atender às demandas que a sociedade moderna impõe.

Após o período de dois anos de aulas remotas, os professores se viram de volta ao presencial/híbrido, diante das flexibilizações das regras da pandemia e do avanço da vacinação. Assim, os docentes migraram de um contexto *online*, com aulas assíncronas e as ferramentas digitais, sendo o cerne do seu trabalho, para a sala de aula física, de paredes, em que o contato com os alunos e a execução da aula acontecia presencialmente, sem mais a mediação de uma tela de *notebook*. Com isso, os professores foram obrigados a se adequarem a esse novo ambiente de trabalho, em que eles não frequentavam há dois anos.

Em vista disso, ao considerarmos as características de uma sociedade na pós-modernidade, em que o professor não é mais o sujeito que dispõe, na sala de aula, do conhecimento centrado, mas divide sua metodologia e, às vezes, o sentimento de “ignorância” ao lidar com as “máquinas”, que propõe o aluno uma conexão com o mundo, ele observa seu espaço e poder reduzidos. Assim, a representação do professor centrado de poder, em que somente ele detinha o conhecimento, que estava em voga, está se perdendo.

Garcia, Hypólito e Vieira (2005) compreendem o conceito de identidade docente como uma construção social, em que vários elementos se integram entre si, acarretando em sequências de representações que os professores fazem de si mesmos e de seus trabalhos, atrelado à história de vida e condições de ofício. De acordo com o dicionário *online*, representação é ato ou efeito de representar. É uma imagem que criamos do mundo ou de algum elemento específico. Em outras palavras, é uma atividade simbólica do colaborador com o mundo que o cerca.

Moscovici (1978, 2003) aponta que a representação possui dois objetos indissociáveis: sujeito e objeto. De acordo com esse autor, a representação é constituída pelas relações humanas, ou seja, é através da interação que os sujeitos elaboram funções e comportamentos, dentro da comunidade que estão inseridos. Ainda segundo esse autor, as representações são formadas através das experiências dos sujeitos com o mundo, as pessoas ao seu redor. Por isso, o professor, particularmente, constrói esse elemento à medida que suas experiências na formação inicial, na escola ou nos contextos que desenvolvem suas atividades, acontecem. Assim, podemos afirmar que esse é um processo que está relacionado às demandas que cada cenário apresenta.

Nesse sentido, Bronckart (1999) afirma que as representações se constituem nas produções textuais, orais ou escritas, que permitem

situar e analisar a contribuição de cada colaborador para a realização de uma determinada atividade. Diante disso, pretendemos discutir, no nosso estudo, a partir dos discursos de professores da Rede Estadual da Paraíba, quais são suas projeções acerca do conceito de representação docente, após vivenciarem o contexto remoto e migrarem para o ambiente presencial.

Por acreditarmos que as análises dos discursos dos professores são importantes para compreendermos o seu trabalho, em relação ao conceito de representação que é construída de si, nas suas experiências que permeiam a migração do ensino remoto para o presencial, ancoramo-nos na teoria das vozes enunciativas, abordadas por Bronckart (1999). Sendo assim, elencamos como pergunta norteadora: há interferências na representação profissional desencadeada por professores da Rede Estadual, ao migrar do contexto *online* para o contexto presencial? Para responder a esse questionamento, definimos como objetivo: analisar o conceito de representação que estão subjacentes aos professores da Rede Estadual de ensino da Paraíba, ao vivenciarem esse contexto de migração - das aulas *online* para as aulas presenciais.

Para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa, fundamentamo-nos em uma abordagem qualitativa. Nessa abordagem, lembram Prodanov e Freitas (2013), o ambiente que foi analisado é fonte direta dos dados. Além disso, o pesquisador teve o contato direto com o seu ambiente e com o seu objeto de estudo, sem manipulá-los, buscando entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2008).

Essa pesquisa também pode ser considerada de natureza descritiva, uma vez que o pesquisador registrou e descreveu os fatos observados sem modificá-los (PRODANOV; FREITAS, 2013); além desse tipo de natureza ter como função descrever as características de um determi-

nado fenômeno. Considerando como objeto teórico o discurso da atuação docente, vislumbrando qual representação o professor tem dessa atuação, no contexto de migração (*online* para o presencial), usamos como instrumento de geração de dados um questionário *online*, com perguntas que fizeram com que os docentes refletissem e conseguissem apresentar uma resposta sobre o que seja a representação docente através de suas experiências.

Participaram da pesquisa dois professores, que se disponibilizaram a responder a um questionário *online*, com oito questões, em apêndice, no qual abordava os principais pontos: o planejamento, usos de materiais tecnológicos, na preparação das aulas, a experiência no contexto remoto, a volta para o ambiente presencial e as influências do contexto anterior nesse retorno. Esses professores tiveram suas identidades preservadas e serão analisados com nomes fictícios: Sebastião e Lúcia. Os dois estão inseridos na Rede Estadual de Ensino da Paraíba, em que um leciona a disciplina de Português e o outro, Matemática, respectivamente. O pesquisador entrou em contato com os professores, via mensagem, por uma rede social, indagando se eles tinham interesse em participar da pesquisa e refletir sobre sua atuação docente. Os professores aceitaram a proposta e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo. Posteriormente, um questionário *online* foi enviado para que eles respondessem o que estava sendo solicitado.

O professor Sebastião é formado em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, *Campus* Cuité. Trabalha na Escola Cidadã Integral Pedro Henrique da Silva, na mesma cidade, e leciona para as três séries do ensino médio. Durante a pandemia, ministrou aula de maneira remota e, atualmente, migrou para o contexto das aulas presenciais. A professora Lúcia é formada em letras pelo Instituto Federal da Paraíba

– IFPB, campus Campina Grande e Pós-Graduação em Especialização em Supervisão Escolar e Orientação Educacional. Atua como professora de Língua Portuguesa na Escola Cidadã Integral Teódosio de Oliveira Lêdo, na cidade de Boa Vista – PB, em quatro turmas do ensino médio. Ministrou aula *online* durante os dois anos da pandemia e vivenciou a transição dos contextos: do *online* para o presencial, visto que se encontra ministrando aulas, na escola, desde meados de fevereiro de 2022.

Segundo Moscovici (1978), a representação social é uma construção que o indivíduo faz para compreender o mundo e para se comunicar. Como pode ser considerado até uma teoria, vários professores não sabem o que seria, realmente, um conceito de representação do seu agir e não acreditam que dispõem de uma representação profissional. Nesse sentido, julgamos necessário os professores terem ciência do conceito para esse termo, uma vez que ele, em sala de aula, desencadeia vários tipos de representação, mas não tem conhecimento do que se trata. À medida que os professores, colaboradores da pesquisa, responderam ao questionário *online*, eles foram colocados na condição de refletir sobre o conceito de representação e acerca de sua própria representação, enquanto docente, imerso no contexto escolar. Assim, algumas perguntas desse questionário foram analisadas e comentadas, posteriormente.

Nesse sentido, nosso estudo está dividido em quatro seções: na primeira, discutimos a questão das vozes enunciativas, proposta por Bronckart (1999), ao argumentar que as vozes são entidades que declaram a responsabilidade do que foi enunciado, ou seja, a responsabilidade do dizer. Na segunda, abordamos acerca das representações sociais, com as contribuições de Moscovici (1978), em que ele argumenta que a representação social é construída pelas interações e experiências humanas. Na terceira, apresentamos nossos resultados e discussões; e na quarta, as considerações finais.

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior, a dissertação de mestrado, submetida ao Comitê de Ética, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a qual foi aprovada sob Certificado de Apresentação Ética (CAAE) N<sup>o</sup>: 58076422.4.0000.5182, em 27 de fevereiro de 2023.

### As vozes na produção de textos

Nos estudos de Bronckart (1999), o texto é concebido como um folhado textual, por ser constituído por camadas superpostas, nomeadas da seguinte forma: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Os mecanismos enunciativos, um dos enfoques do nosso estudo, por sua vez, são observados, conforme o autor (*op. cit.*), como a camada mais superficial do folhado textual e contribuem para a existência da coerência pragmática (ou interativa) do texto.

Bronckart (1999) afirma que as representações se constituem nas produções textuais, orais ou escritas, que permitem situar e analisar a contribuição de cada colaborador para a realização de uma determinada atividade. O teórico afirma que seria o autor o responsável das operações linguístico-discursivas que darão ao texto um aspecto definitivo. Assim, elenca três tipos: a voz do autor empírico, a voz do personagem e a voz social.

Descrevendo cada umas delas, temos: (1) voz do autor empírico: voz do indivíduo que está na origem do dizer, que intervém, para comentar ou analisar vários aspectos do que diz; (2) voz do personagem: voz humanizada, dos seres humanos ou entidades, que têm como a função de agentes, e são expressas ao decorrer do conteúdo temático; (3) voz social: voz de indivíduos, grupos ou instituições que estão inseridos no conteúdo temático, não podem ser consideradas como agentes, mas

são mencionadas como elementos externos de avaliação de algum aspecto do conteúdo temático.

Bronckart (1999) utiliza essas categorias em seu folhado textual e são muito utilizadas nas pesquisas que trabalham esse construto teórico. Ainda segundo esse autor, as vozes são entidades que declaram a responsabilidade do que foi enunciado, ou seja, a responsabilidade do dizer; e é através das análises desses discursos que teremos noção das ações desenvolvidas pelos professores, sua finalidade, sua metodologia, suas responsabilidades que atravessam esse contexto de migração, do *online* para o presencial, abordada nesta pesquisa.

### Representações sociais: considerações iniciais

A teoria das Representações Sociais (doravante RS) foi criada pelo psicólogo Serge Moscovici, em 1961, a partir da publicação da obra *La psychanalyse, son image et son public* (a psicanálise, sua imagem e seu público). Essa obra tinha como objetivo observar a inter-relação entre sujeito e objeto e como acontece a construção do conhecimento individual e coletivo. No Brasil, segundo os estudos de Crusoé (2004), o primeiro contato com essa teoria, defendida por Moscovici, aconteceu no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, quando utilizou-se tal referencial teórico para fundamentar a pesquisa da representação social do professor de Matemática, acerca da interdisciplinaridade, também de Crusoé.

A teoria das representações sociais, proposta pelo psicólogo francês Serge Moscovici, na obra “A representação social da psicanálise”, tem como objetivo a preocupação com a inter-relação entre sujeito e objeto e como acontece a construção do conhecimento individual e coletivo, no processo das representações sociais. Assim, essa teoria é para

Moscovici, afirma Crusoé (2004), um produto e um processo de uma atividade mental, que o indivíduo ou um grupo recompõe o real, atribuindo uma significação específica.

De acordo com Moscovici (1978, p.2003), a representação é constituída pelas relações humanas, ou seja, é através da interação que os sujeitos elaboram funções e comportamentos, dentro da comunidade que estão inseridos. Santos (2010) aponta que as representações são produzidas nos cenários de trabalho, nos espaços em que se efetivam as trocas sociais. A autora ainda afirma que, na Psicologia Clássica, a representação poderia ser definida como a transferência do exterior para interior, ou seja, a mediação entre o conceito (ideia) e objeto.

Moscovici (1978) corrobora com essa afirmação ao apontar que representar uma coisa, um estado, não significa dividi-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, mas consiste em uma reconstituição, um aperfeiçoamento, uma modificação do texto. O professor tem um papel imerso na sociedade e no cenário escolar, por isso, é considerado um ser que representa a si mesmo, possuindo, assim, uma identidade.

Ele busca representar seu trabalho à medida que desenvolve sua prática, tentando, na maioria das vezes, reconstituir, modificar determinada metodologia que o professor tinha como modelo de experiência e docentes anteriores, confirmando que: “toda representação é de alguém tanto de alguma coisa. É uma forma de conhecimento por meio da qual aquele que conhece se substitui no que é conhecido” (MOSCOVICI, 1978, p. 11).

É como se a representação que o professor possuísse fosse modificada, substituída por aquela construída ou formada a partir de suas vivências, por isso, a representação é social, pois é formada e compartilhada nas interações dos indivíduos com os objetos e com outros sujeitos. Por enquanto, vamos dar vazão à metodologia da pesquisa.

## Resultados e discussões

Como o conceito de representação é o tema desta pesquisa, as perguntas analisadas priorizarão tal tema, relacionando-se ao planejamento e à metodologia em sala. A condição dos alunos também será posta em evidência, analisando a questão das vozes enunciativas propostas por Bronckart (1999). O referido autor (BRONCKART, 1997) aponta o mecanismo enunciativo como elemento que contribui para a coerência pragmática do texto, uma vez que o texto pode ser vislumbrado como um conjunto de atos de fala e, ao mesmo tempo, apresenta avaliações, julgamentos, opiniões, sentimentos, que pode ser construído acerca de um ou outro aspecto do conteúdo temático, e os responsáveis por tais avaliações.

Para retornarmos um pouco o contexto de pesquisa, precisamos salientar que participaram dois docentes, os quais vivenciaram o contexto remoto e ministram aula, atualmente, no cenário presencial. A partir disso, colocaram-se na condição de refletir sobre a representação docente e seu agir ao responderem um questionário, tecendo considerações sobre seu planejamento, metodologia, vivências no presencial, *online* e presencial (pós-pandemia). Assim, analisaremos a questão das vozes nas perguntas: 8, 9 e 10, dos professores Sebastião e Lúcia.

A pergunta número 8, presente no questionário, diz respeito à reflexão sobre o desenvolvimento dos alunos acerca da volta ao presencial, vejamos:

Quadro 1 – Pergunta 8 – Como você analisa o desempenho dos seus alunos, em relação a sua metodologia, nesse retorno ao presencial?

**Professor Sebastião**

“Ao longo do ensino remoto apesar de toda dificuldade foi possível observar bons resultados, porém não se pode fechar os olhos para a grande lacuna que ficou em termos de aprendizagem nesse momento é necessário intensificar as metodologias aplicadas e buscar novas formas para melhorar a aprendizagem do alunado”.

No quadro 1, pode-se notar que o professor Sebastião faz uma reflexão acerca do desempenho e rendimento de seus alunos, em relação a sua metodologia, ao voltar ao presencial, visto que estavam há dois anos no contexto *online*. A partir disso, é possível observar que os professores, não somente o Sebastião, colaborador da nossa pesquisa, enfrentam dificuldades na sua profissão. Dessa forma, vislumbramos que os professores vivenciaram enormes desafios, pois estavam na “linha de frente”, ao se inserirem no contexto remoto, e deram continuidade aos seus trabalhos, muitas vezes, ministrando aulas de maneira diferentes das teorias estudadas na universidade, como afirmam Santos, Lima e Sousa (2020).

Quando o colaborador Sebastião argumenta que “*não se pode fechar os olhos para a grande lacuna que ficou em termos de aprendizagem*”, demonstra uma preocupação acerca dos rendimentos de seus alunos, uma questão que não se pode passar e precisa ser discutida e avaliada. Com isso, é recorrente apontarmos que os professores, não somente o nosso colaborador, precisou se adaptar ao cenário que estava inserido, ou seja, esses docentes precisaram criar suas representações para atuarem nesses ambientes que, na maioria das vezes, seria um professor com uma representação mais preocupado e centrado nos comportamentos de seus alunos. Por isso, lembramos de Moscovici

(2008), ao afirmar que as representações são criadas e ajustadas nos contextos de trabalho do indivíduo.

Quando observamos a questão das vozes enunciativas no fragmento acima, as quais nos auxiliam na explicação dos posicionamentos dos colaboradores, percebemos que o nosso colaborador Sebastião, que está na origem do dizer, faz uso da voz do personagem, de acordo com Bronckart (1999), em que não somente ele, mas as entidades ou seres humanos são colocados como agentes para solucionar tal questão. Percebemos também que ele se preocupa, analisa e faz julgamento sobre essa situação mencionada, através da voz social, mas também reflete que não é somente ele o responsável para resolver as incertezas e os problemas enfrentados, principalmente, nos ambientes *online*, mas propicia que outros grupos deem um olhar mais detalhado para isso.

A partir da análise das vozes enunciativas, foi possível observar que elas serviram de base para identificar o grau de distanciamento ou de aproximação, por parte do colaborador, ao relatar seu agir em meio as prescrições sociais impostas no contexto inserido. Com isso, é possível vislumbrar que o colaborador, ao estar inserido nesse ambiente online desafiador, ao entender o cenário que estava inserido e dar sentido a ele, tenta representar seu trabalho, à medida que desempenha seu agir frente às ordens impostas pelas autoridades da educação (diretor, secretaria de educação). Deixando claro que, a partir dessa sua vivência, novas metodologias devem ser impostas, no trabalho docente, uma vez que, o sujeito ao estar inserido em novos contextos de trabalho, promove uma relação com os outros indivíduos e percebe que sua representação e sua identidade vão modificando a cada experiência.

Ao responder a mesma pergunta (8) analisada no fragmento anterior, a professora Lúcia responde:

“Com muita tristeza eu analiso o desempenho dos alunos insuficiente, pois a escola integral está se tornando muito cansativa, não tem suporte para manter os estudantes o dia inteiro na escola. Falta equipamentos, os professores tem que fazer o papel de mãe, pai, psicólogo, assistente social. Sinceramente, os professores estão sendo uns verdadeiros heróis”. *Resposta da professora Lúcia à pergunta número 8 do questionário.*

A resposta da professora Lúcia demonstra um verdadeiro desabafo sobre sua situação e a de seus alunos. Ela demonstra verdadeiras dificuldades pelas quais enfrenta no seu trabalho e no rendimento dos discentes. Ao colocar a escola integral como um dos fatores pelo baixo rendimento dos estudantes, a docente deixa explícito os fatores sociais: a localização da escola, o nível, a situação financeira e a idade dos alunos, fatores que, na ótica da docente, influenciam sua prática pedagógica. Além disso, ela também demonstra estar preocupada ao afirmar que não desempenha somente a função de professora, mas há nela uma representação, mesmo implícita de uma mãe, pai, psicóloga, entre outros, mas a professora não percebe que isso se trata de uma representação inserida no seu agir cotidianamente.

Ao afirmar que na escola faltam equipamentos, ela expõe uma preocupação, em que a situação do contexto de trabalho, como os equipamentos disponíveis, a natureza do ambiente de trabalho é posta em discussão. Esses fatores já eram precários antes do contexto pandêmico e, a partir disso, ela busca representar seu trabalho à medida que desenvolve sua prática, tentando, na maioria das vezes, de acordo com Moscovici (1978), reconstituir, modificar determinada metodologia.

Sendo assim, a partir da análise desse trecho, podemos argumentar o fato de os professores, ao desenvolverem seus trabalhos, em várias turmas diferentes, precisam estar cientes de que, cada cenário inserido,

vai exigir dele uma metodologia / identidade diferente. É como se a representação que o professor possuía, fosse modificada, substituída por aquela que é construída ou formada a partir de suas vivências, por isso, a representação é social, pois é formada e compartilhada nas interações dos indivíduos com os objetos e outros sujeitos. Assim, a professora Lúcia não tinha conhecimentos sobre isso e fez o desabafo analisado. Por isso, confirmamos o que Moscovici (1978) relata, que, através das experiências dos indivíduos, representações (ões) são criadas, uma vez que, cada cenário vai exigir uma representação única e não repetida.

Quando observamos a questão das vozes enunciativas, percebemos que, na resposta da professora Lúcia, exposta acima, a voz do autor aparece explicitamente, de acordo com Bronckart (1999), pois ela se coloca na condição de agente para avaliar, comentar, propor julgamentos e avaliações sobre a situação pela qual permanece vivenciando, ou seja, ela se assume na resposta, demonstrando um descontentamento com toda dificuldade enfrentada em seu local de trabalho, em que podemos até perceber uma representação de uma professora cansada e exausta por tudo isso.

Ao enfatizarmos a questão da representação docente, tema da nossa pesquisa e discutida ao longo do nosso trabalho, vamos observar se os dois docentes acreditam que os professores têm uma representação enquanto profissional. Para isso, analisaremos as respostas obtidas na questão 9.

Quadro 2. Você acha que o professor tem uma representação docente de si enquanto profissional? Explique.

**Professor Sebastião:**

“Ao longo de nossas vidas acadêmicas nos deparamos com diversos profissionais, os quais tentamos nos assimilar ou fazer diferente, nesse contexto entendo que cada professor construir sua própria representação quanto docente”.

O professor Sebastião parece estar ciente de que as representações são criadas pelas relações humanas, ou seja, é através da interação, que os sujeitos elaboram funções e comportamentos, dentro da comunidade em que estão inseridos, como Moscovici (1978) nos lembra. Ele demonstra estar ciente de que é a partir de nossas experiências que vamos assimilando e modificando nossas metodologias, criando, assim, uma representação enquanto profissionais, pois (MOSCOVICI 1978) afirma que o indivíduo precisa entender a realidade em que está inserido e, posteriormente, oferecer sentido a essa realidade. É como, a partir da análise dessa resposta, que a representação a qual possuía é modificada, substituída por aquela que é construída ou formada a partir de suas vivências.

Por isso, a representação é social, pois é formada e compartilhada nas interações dos indivíduos com os objetos e com outros sujeitos. Ou seja, é o que Moscovici (1978) argumenta que, para a representação ser criada, as crenças, percepções e experiências dos sujeitos devem ser importantes, pois esses sujeitos dividem o mundo e suas vivências com outras pessoas, constituindo a representação.

Quando observamos a questão das vozes enunciativas, percebemos que o professor Sebastião, ao estar na origem do dizer e ser o autor dos seus posicionamentos, ancora-se na voz do autor empírico, de acordo com Bronckart (1999), para analisar e observar a construção da representação docente. Segundo esse professor, o indivíduo é responsável por essa construção à medida que suas experiências vão acontecendo, refletindo nas práticas observadas ou adquiridas se são eficazes ou se precisam ser retiradas de seu fazer docente.

Ao analisarmos a mesma pergunta, agora, respondida pela professora Lúcia, temos:

“Sim, quando estou preparando meu aluno para ser um cidadão crítico, lutando pelos seus direitos, de ser mulher emponderada”.

Na resposta da professora Lúcia, ela aponta que sua representação, enquanto docente do ensino médio, propicia aos alunos um conhecimento crítico, em que lutam por seus direitos e deveres. É como se a professora Lúcia promovesse uma representação social e observasse isso como uma teoria, corroborando, assim, como Moscovici (1978) aponta que a teoria da representação social se dá a partir do estudo da representação de um objeto, de modo que, sem esse objeto, não há uma representação. Assim, ancorados nesse teórico, a professora argumenta que os alunos observam nela, mais precisamente, na sua representação, para criar a sua própria representação, uma vez que é uma construção que o indivíduo faz para compreender o mundo e para se comunicar. Assim, os discentes absorviam essa teoria e tentavam, através da representação da professora Lúcia, ser críticos e empoderados. Quando observamos a questão das vozes, é perceptível que a professora, ao estar na origem do dizer, como Bronckart (1999) ressalta, para argumentar suas análises, faz uso da voz do autor empírico, em que ela analisa e faz julgamentos sobre a sua prática na busca dos alunos se tornarem críticos, a fim de lutar por seus direitos; e da voz do personagem, também, por ela se colocar como um dos agentes para promover essa preparação.

Na questão 10, os docentes foram solicitados a responderem se eles acreditavam que havia um conceito para a representação docente. O professor Sebastião respondeu:

Quadro 3 – Questão 10. O que seria, para você, um conceito de representação docente?

**Professor Sebastião**

“Acredito que seja o professor buscar em outros um ponto de referência”.

**Professora Lúcia**

“Eu entendo, que seria uma ideia do senso comum relacionado ao trabalho realizado ou que se realizará, baseado com o próprio sistema sócio – cognitivo do docente”.

Antes de falarmos sobre as respostas dos colaboradores acerca da representação, é relevante argumentarmos sobre essa teoria criada por Moscovici (1978), com a intenção de observar o comportamento do indivíduo com o seu meio, pois só assim acontecia a construção do conhecimento. Crusoé (2004) lembra que essa teoria, ao ser estudada no Brasil, é recente e se deu através de seu estudo na Universidade Federal de Pernambuco. Ao observarmos as duas respostas dos professores, percebemos que os docentes não têm muita noção sobre o que é, realmente, a representação docente e se há um conceito. A partir disso, por Moscovici afirmar que a representação se constrói no ambiente de trabalho e é modificada por ele. É considerada algo implícito e caminha junto com a concepção de identidade, por isso, podemos afirmar que os professores desconheciam tal nomenclatura (representação).

O professor Sebastião ainda tenta argumentar, apontando que a representação seria um ponto de referência que os docentes absorvem para desenvolverem suas práticas. Ele parece estar certo, pois, ancorados em (MOSCOVICI, 1978), afirmamos que a representação é social, uma vez que é constituída e compartilhada nas interações dos indivíduos com os objetos e com outros sujeitos. Porém, na resposta da professora Lúcia,

percebemos que ela demonstra estar um pouco confusa e não tem uma resposta coerente para o que seja a representação em si.

Bronckart (1999) afirma que a representação se constitui nos textos orais e escritos. Assim, quando abordamos a questão das vozes enunciativas, precisamos afirmar que elas são importantes na nossa análise, pois têm a função, como bem lembra Bronckart (1999), de situar e analisar a contribuição de cada colaborador para a realização de uma determinada atividade. Dito isso, nas respostas do professor Sebastião, é perceptível a presença da voz do autor empírico (Bronckart 1999), pelo fato do colaborador afirmar que o professor é o responsável na busca desse conceito; e há a presença da voz social, pelo fato dele argumentar que o professor pode buscar em outro docente, mas este não é considerado um agente específico e apto para resolver o problema. Ele faz uso dessas vozes para analisar e defender sua opinião a respeito do conceito de representação, uma vez que ele está na origem do dizer.

Ao nos referimos à resposta da professora Lúcia, percebemos a presença da voz do personagem (Bronckart 1999), em que ela relata que o senso comum é o agente para a criação desse termo, em que o professor se baseia para criar; e do voz do autor empírico, por ela afirmar que o próprio professor é o responsável, através do seu sistema sociocognitivo, a criar esse conceito. Com isso, percebemos que os colaboradores fazem uso das vozes enunciativas de Bronckart (1999) para relatar seus argumentos acerca da realidade enfrentada, pois eles são os autores e os responsáveis das operações e julgamentos, os quais darão ao texto (oral ou escrito) e ao discurso um aspecto definitivo (BRONCKART 1999).

## Considerações finais

Ao retornarmos nosso objetivo de pesquisa, percebemos que os dois docentes, nossos colaboradores, não possuíam um conceito coerente para essa questão, ficando perceptíveis suas respostas confusas e incoerentes. A partir disso, percebemos que, na maioria das vezes, os docentes desencadeiam, através da sua atuação, do seu discurso, das suas metodologias, alguns tipos de representação, mas, para eles, a RS se apresenta de maneira vaga e muito pouco significativa para guiar ou nortear suas ações.

Os docentes não têm uma visão clara de que é, no ambiente de trabalho, que sua representação é construída, ou seja, dois objetos indissociáveis: professor e ambiente escolar. Para Moscovici (1978): sujeito e objeto envolvem um exercício de construção e de simbolização, uma vez que o objeto está em ligação com o sujeito, interagindo e afetando-se um ao outro. Assim, é importante mencionar que todos os professores dispõem de uma representação que foi/é construída ao longo das suas experiências, modificada ou substituída à medida que suas práticas se desenvolvem.

Em relação às vozes enunciativas, presentes nas respostas dos professores, elas desencadeiam representações através da predominância ora da voz do autor, ora da voz social, ora da voz do personagem, em que os docentes se ancoraram para explicar o que estava sendo solicitado, apresentando os agentes e os personagens mencionados para solucionar ou que tinham a responsabilidade para a resolução dos problemas expostos.

Essas vozes (marca de pessoas) têm a função de progressão textual, marcando a presença do enunciador do agir, no nosso caso, os profes-

sores, e apresentando o autor do agir linguageiro. É por meio dessas vozes que os professores, inseridos no contexto profissional, comentam, analisam, relatam e julgam o que acontece em determinadas situações. E, por fim, em relação à pergunta de pesquisa, percebemos que há, sim, interferências na representação profissional desencadeadas por professores, em que ora demonstram uma representação de docentes angustiados, com medo e sem norte, ora otimista, quando estão construindo no seu aluno, um cidadão crítico e pensante.

## Referências

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha, - São Paulo: EDUC, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 9-48.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. *A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação*. Vitória da Conquista, BA: Aprender, 2004, nº 2, p. 105-114.

GALVÃO, Ana Carolina; SALVIANI, Dermeval. *Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”*. ANDES-SN, 2021, p 36-49

MOREIRA, José Antônio Marques; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. In.: *Revista Dialogia*, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9756/1/2020\\_Transitando%20de%20um%20ensino%20remoto%20emergencial%20para%20uma%20educa%3%a7%c3%a3o%20digital%20em%20rede%2c%20em%20tempos%20de%20pandemia.pdf&amp;gt](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9756/1/2020_Transitando%20de%20um%20ensino%20remoto%20emergencial%20para%20uma%20educa%3%a7%c3%a3o%20digital%20em%20rede%2c%20em%20tempos%20de%20pandemia.pdf&amp;gt). Acesso em: 10 de jan. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico. métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SANTOS, Patrícia Irene dos. *Profissão docente: um estudo das representações sociais do ser professor*. Dissertação 116f. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2010.

SANTOS, Elzanir dos; LIMA, Idelsuite de Sousa.; SOUSA, Nadia Jane de. “Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1632-1648, Edição Especial, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9178/7325>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

Recebido em: 10/02/2023

Aprovado em: 26/07/2023

Licenciado por

